

Tese de Lelaia

Constituinte ameaça radicalizar posições

Das sucursais

BRASILIA — Um desabafo do presidente Geisel a pessoa de sua intimidade, não integrante de seu governo, mas um dos seus mais chegados amigos e até conselheiros, se é que ele ainda os admite, dá bem a medida de como ele recebeu a tese oposicionista da convocação de uma Assembléia Nacional Constituinte. "Meu chefe, isso é para me derrubar."

O verbo, no caso, não deve ser completamente tomado em seu sentido literal, ou seja, parece difícil estar o presidente supondo que o MDB pretenda alijá-lo do poder, até porque não pode. O derrubar, aqui, terá sido usado também em seu sentido mais moderno e menos ortodoxo, na forma de como a juventude o utiliza, querendo parecer contrariar, passar para trás, surpreender com um golpe baixo ou sucedâneo. De qualquer forma, a frase dá bem a tônica de como a iniciativa oposicionista foi recebida no Palácio do Planalto. Porque a convocação de uma Constituinte está para o governo mais ou menos ou até pior do que as eleições diretas de presidente da República ou mesmo de governador: é inadmissível, inviável e até contestatória, e mais uma vez a semântica não poderá ser tomada ao pé da letra, pois contestar, hoje, em termos revolucionários, tornou-se conceito bem mais amplo do que aquele contido nos principais dicionários da língua portuguesa. Para o Sistema e seus condutores, contestação exprime tudo aquilo que não se enquadra em seus planos, um vasto pavilhão de feira a cobrir todo e qualquer gênero de mercadorias. Contestadores são todos os que divergem das linhas capitais do regime e, por divergirem, levantam hipóteses para a sua alteração.

Ignora-se, ainda, como o governo enfrentará ou reagirá a tese da Constituinte, que a medida que se aproximarem as eleições do ano que vem, mais amplitude adquirirá na opinião pública, acionada não só pelo partido da oposição, mas espraiando-se agora por entidades e associações de classe desvinculadas da vida partidária. Advogados, professores, juristas e até magistrados caminham para o denominador comum há algumas semanas levantado pelo grupo dos "autênticos"

como forma de solução pacífica para o atual impasse institucional. Sabem, por certo, que sua efetivação exprimiria o fim da Revolução, nos termos em que está posta, pois o seu pressuposto maior seria a convocação de eleições livres e sem condicionamentos, bem como a transferência total do poder para seus membros. Para que a Revolução, versão 77, pudesse aceitar a tese, seria necessário que seus principais líderes tivessem perdido por inteiro o fator que ainda permanece intacto, entre tantos outros já desaparecidos: o da unidade acima de quaisquer divergências quanto a métodos ou meios de se chegar aos objetivos consagrados há muito.

Ao que parece, não resta outro caminho para o MDB senão levantar a bandeira da Constituinte, mas, na medida em que o tempo passar, mais se radicalizarão as posições. Talvez uma das poucas semelhanças entre o período atual e aquele que precedeu a queda do primeiro governo Vargas, em 1945, seja esta: para os que se opunham ao Estado Novo, tanto como para os que se opõem à Revolução, em seu modelo de hoje, a Constituinte exprime a única saída. Assim, certamente se entenderá melhor o desabafo presidencial, e o verbo "derrubar", afinal, não estará tão longe de seu sentido literal.

cf.

ANC

11